

ISSN 1413-5787

Laboratório de História Antiga – UFRJ



# PHOÏNIX

*Mauad* X



2013

## RESENHA

---

NEVETT, Lisa C. *Domestic space in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, 178 p.

### A POLÍTICA DO ESPAÇO DOMÉSTICO\*

José Antonio Dabdab Trabulsi\*\*

Lisa Nevett, *Associate Professor* de arqueologia grega na Universidade de Michigan, publica, na excelente coleção *Key themes in Ancient History*, dirigida por P. Cartledge e P. Garnsey, este livro sobre o espaço doméstico na Antiguidade clássica.

Na Introdução (p. 1-3), a autora coloca os quadros gerais de sua análise, explicando que o espaço doméstico é modelado por expectativas específicas, relativas ao tipo de arquitetura e de mobília, os tipos de atividades que lá se desenvolvem, por quem e de que forma. Ela defende o ponto de vista segundo o qual se, no passado recente, as casas e as famílias se tornaram objeto de pesquisa cada vez mais importante, seu potencial como fonte de informação sobre as questões sociais e históricas mais amplas ainda está por ser explorado. E, por outro lado, afirma que uma maior importância e uma maior independência devem ser atribuídas à cultura material como fonte para a história antiga.

O capítulo 1, *Domestic space and social organisation* (p.3-21), nos propõe um texto conceitual, no qual a autora coloca as questões das relações entre textos e arqueologia, e assinala uma maior diversidade de habitações

---

\* Recebido em 09/09/2013 e aceito em 07/10/2013.

\*\* Professor titular de História Antiga do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

do que normalmente se considera ter existido. Ela aponta o perigo que nos ameaça, com a tendência a interpretar as escolhas de organização e agenciamento dos espaços de vida segundo nossos critérios contemporâneos. A interpretação dos dados antigos não deve ser por demais imediata, já que nos faltam, para as casas antigas, muitas chaves de leitura e informações concretas, tanto no nível das mobílias quanto no próprio plano das estruturas arquitetônicas. Torna-se muito perigoso assimilar as casas dos Antigos e sua organização às nossas, pois isso resulta em geral numa simplificação abusiva do passado. Para a autora, esse perigo (essas diferenças) deve ser visto como um estímulo, como uma verdadeira oportunidade de análise, uma ocasião única de melhor perceber a cultura grega e a cultura romana pelo viés do espaço e do tempo. Mas nem por isso ela renuncia às analogias e evocações contemporâneas, fazendo um amplo uso comparativo do filme de sucesso **O casamento grego (My Big Fat Greek Wedding)**.

No capítulo 2, *House-form and social complexity: the transformation of early Iron Age Greece* (p. 22-42), após um exame da natureza das evidências, Nevett examina, em sucessivos subcapítulos, as “*single-room structures*”, as “*multiple-room structures with end entrance*”, as “*houses with multiple rooms and a side entrance*”, assim como as “*multiple-room structures with more than one entrance*”. Em seguida, estuda as “*composite houses*”. Após o exame, constata que estruturas mais complexas só são encontradas na Grécia central, mas em nenhuma outra região grega nessa época. Sua análise aprofundada dos dados arqueológicos leva a estabelecer relações entre a organização doméstica e a formação do que ela chama o “*citizen-state*”. A autora identifica uma paisagem fragmentada; a partir do século VIII, há uma tendência a uma segmentação do espaço, que indica relações sociais cada vez mais complexas. Mas não se devem exagerar as mudanças, que foram graduais e não lineares. Isso variou segundo as regiões e segundo os sítios em questão. Há, desde o século VIII, tendências que poderiam levar a certo controle da circulação na casa – por exemplo, uma só porta para o exterior, ou um espaço dando acesso a mais de um cômodo. Mas não parece que tenha havido tentativa de separar as pessoas no contexto doméstico para realmente controlar seus deslocamentos, já que a maioria das estruturas só possuía um cômodo – e, mesmo quando havia mais de um, era preciso atravessá-los para ir de um a outro, o que tornava improvável um confinamento no espaço. Isso parece indicar que ainda no século VI estamos longe da arquitetura e dos critérios de organização do espaço das cidades clássicas, o que parece ser



coerente com as fontes textuais atenienses, que indicam, segundo a autora, que a cidadania só foi formalmente definida durante o século V, sobretudo com Péricles e a sua lei de cidadania, fundada num parentesco estrito. Essa pode ter sido a razão de uma necessidade de controle mais rígido dos contatos entre as mulheres e os homens externos a casa, para garantir um parentesco acima de qualquer suspeita. Neste capítulo, tudo é muito interessante. Penso, entretanto, que o final é um pouco excessivo. Há certa reviravolta: enquanto nos estudos mais antigos a arqueologia só aparecia no final, para “ilustrar” o argumento elaborado a partir das fontes escritas, aqui os textos aparecem (e nem sempre) *in extremis*, apenas para confirmar conclusões já tiradas unicamente das fontes arqueológicas – o que é uma abordagem um pouco desequilibrada, num sentido inverso.

No capítulo 3, *A space for 'hurling the furniture'? Architecture and the development of Greek domestic symposia* (p. 43-62), a partir de uma análise das casas escavadas (desde o século VIII até o século III), do número e da disposição dos cômodos, da circulação interna e do acesso, do tamanho dos cômodos e da mobília provável, do exame das imagens da cerâmica relativas ao consumo de bebida, a autora afirma (p. 61-62) que o simpósio foi apenas uma das ocasiões de consumo de vinho no espaço doméstico. E isso porque, mesmo nas casas desprovidas de um *andron*, cômodos multifuncionais, no espaço aberto, com uso de uma mobília portátil como almofadas, podiam servir de espaço para tal consumo. Essa constatação pode levar a relativizar nossas concepções sobre o simpósio. As atividades sexuais, por vezes transgressivas, muitas vezes associadas a esse imaginário do lugar fechado, devem ter estado ausentes dessa forma de consumo num espaço aberto. Isso pode levar também a uma nova abordagem da questão das performances líricas nos quadros do simpósio na época arcaica. Pode ser que essas performances se tenham dado com maior frequência do que pensamos em espaços não domésticos, tais como os santuários. Isso confirmaria a hipótese das atividades culturais, no início do I milênio, se desenvolvendo inicialmente nas casas dos chefes da comunidade, para, em seguida, passar (bem mais tarde) de um contexto ritual muito regulamentado no espaço público a um consumo de tipo privado. O aparecimento de um *andron* nas casas mais amplas e mais complexas seria testemunho de uma mudança mais profunda nas relações sociais, a casa se afirmando não apenas como lugar de vida, mas também como um elemento de pertencimento à vida cívica. Casas como as de Olynthus, nessa época, parecem mostrar o simpósio como um sinal

importante de cidadania. Isso indicaria um simpósio mais aberto em direção ao conjunto de cidadãos, diferente do que se pensava até aqui.

No capítulo 4, *Housing and cultural identity: Delos between Greece and Rome* (p. 63-88), a partir de uma base de documentação arqueológica mais ampla (uma centena de casas) e de um exame aprofundado, em vários subcapítulos, de “*the house of Cleopatra and Dioscorides in context: the decoration architecture and layout of other Delian houses*”, e “*Cultural influences on Delian house layout*”, a autora conclui falando da “*cultural identity and ‘identification’ in early Roman Delos*” (p. 86-88). Ela mostra, com efeito, as relações entre dois tipos de casas: num primeiro tipo, com as pequenas, e algumas das maiores, temos uma casa voltada para si própria, num ambiente de separação; num segundo tipo, casas menos numerosas, porém muito mais vastas, onde tudo é pensado para mostrar a prosperidade e a alta condição social de seus ocupantes através do conforto e do refinamento. Isso mostra talvez dois grupos sociais culturalmente distintos, com tradições gregas e romanas sensivelmente diferentes. As de tipo “romano” antecipam, de certa maneira, o que sabemos das casas campanianas de uma época ligeiramente ulterior. Mas essas duas concepções não são estanques: a casa de Cleópatra e Dioscórides é um exemplo de vasta estrutura complexa, que parece se conformar à ideia de transparência e exibição em direção ao exterior, mas que, de fato, permanece relativamente separada da área externa. Vemos em Delos uma mistura de ideias culturais, lugar onde as casas participam de um esforço de identificação. Por exemplo, a análise da cerâmica doméstica parece indicar uma tendência a adotar as maneiras italianas de consumir alimentos e bebidas. E temos também toda uma série de casas – muitas vezes pequenas, mas nem sempre – que parecem escapar a esses dois modelos. A autora sugere que pesquisas mais intensas possam revelar a marca de grupos minoritários na ilha, talvez mercadores do Mediterrâneo oriental.

O capítulo 5, *Seeking the domus behind the dominus in Roman Pompeii: artifact distributions as evidence for the various social groups* (p. 89-118), é um capítulo em que ela se apoia em numerosos estudos antigos e recentes, e no qual ela inova menos quanto aos dados, mas nem por isso é menos interessante quanto à análise. Concentrando-se em três tipos de casas de Pompeia, tenta mostrar a diferença fundamental dessas residências em relação à realidade doméstica contemporânea – individualista e funcionalista –, explicando o caráter multifuncional e flexível de suas diversas partes,

de acordo com as estações do ano e até com os momentos do dia. A autora estuda as evidências materiais, mostrando duas (ou mais) atividades num mesmo espaço, e também o uso de espaços diferentes para uma mesma atividade. Tal abordagem resulta numa visão mais dinâmica e socialmente “inclusiva” das casas de Pompeia:

*(...) thus the confort and convinience of the household as a hole were an important, integral part of its overall pattern of organisation. Studying the finds, which represent the result of short-term activities by a range of household members including women and slaves, alongside the architecture therefore produces a more deeply textured understanding of the household as a composite social unit with its own logic and agenda, and offers a new perspective which to same extent counterbalances the traditional image of the household as revolving around the requirements of an elite male dominus. (p. 118)*

Através desse tema (Pompeia se tornou um dos grandes paradigmas das habitações da Antiguidade), a autora consegue estabelecer nuances na sua abordagem geral, que tende a pintar um quadro muito mais variado das casas e dos usos das residências antigas. Temos aqui um verdadeiro sucesso de análise.

No capítulo 6, *Housing as symbol: elite self-representation in North Africa under the Roman rule* (p. 119-141), a partir do exame de certos mosaicos norte-africanos, a autora explica seu funcionamento como mídia. Ela mostra a dificuldade em perceber a maneira como os usuários desses cômodos observavam os mosaicos que neles se encontravam. Segundo seu ponto de vista, a resposta devia depender de critérios sociais e de gênero; do fato de a pessoa ser residente ou não e se o via pela primeira vez ou não; das condições de luminosidade do momento; e ainda de outras variáveis, como o nível cultural e a idade. Nevett explica que “the overriding impression that both the setting and the image create is of the wealth, power and status of the houses owner and his wife”. No grande mosaico da Dominus Julius, essa impressão era projetada pela arquitetura da sala. E explica ainda:

*At the same time, within the mosaic it is suggested through the two images of Julius – seated and well dressed, to be served by others, and on horseback. Julius’ wife, too, receives gifts in a comparable*



*manner and is shown as leading a leisurely life rather than working. The same idea is reinforced in a number of other ways through the abundance of the produce and the prominence of luxury items. The activities of the estate workers also reinforce the couple's social and economic position. The fact that the workers treat Julius and his wife in the same way as the emperor is treated in public images is given prominence through repetition, and also conveys status and power relations. (p. 140-141)*

Por outro lado, a centralidade da enorme casa na imagem, sua escala, sua imobilidade provocando um efeito de contraste com o movimento em torno, tudo isso coloca em destaque seu poderio, seu foco na vida local, seu conforto. A *domus* e o *dominus* aparecem como sendo a mesma coisa: “*Its use in this way underlines conclusions which have been drawn about the elite housing across the Roman Empire and over a long period from the Late Republic to the Late Empire*” (p. 141).

O livro termina com um *Epilogue; domestic space and social organization in Classical Antiquity* (p. 142-149). Na sua variedade de temas e de abordagens, esta obra esclarece muito acerca da força e das fraquezas dos materiais domésticos como fonte para o conhecimento da vida social antiga. Para além das muitas diferenças, uma constante: a estocagem, a preparação e o consumo de alimentos e bebidas. Outra linha mestra: a recepção dos convidados, entendida como uma atividade importante das elites e seu desejo de impressioná-los. Outro fato marcante: a elaboração, o espaço e a complexidade crescente mostram, sem qualquer dúvida possível, um aumento considerável de meios, sinal de um incontestável crescimento econômico, ainda que considerado na longa duração da história antiga. Essas estruturas permitem pensar as relações entre o “público” e o “privado”. Mesmo com as nuances que se impõem em relação à modernidade, vemos que as casas de um cômodo, no início da Idade do Ferro na Grécia, não mostram um desejo de separar ou de esconder, e sim uma tendência a se integrar com a comunidade. As casas da época clássica, com *andron*, porta, etc., permitem isolar os visitantes e separar os residentes. A porta única permite o controle reforçado das entradas e saídas. Isso implica um conceito de “privacy”, tanto no nível interno quanto nas relações com o mundo exterior. A autora mostra que a evidência material muitas vezes sugere coisas, mas não “prova” e, em todas as épocas, pode ser pervertida ou contornada. Ao

contrário, nas casas campanianas, é a permeabilidade entre o interior e o exterior que parece a ideia principal. Portanto, se há sempre uma concepção do “privado” nos diversos contextos estudados, isso parece se exprimir de maneiras muito variadas, inclusive no interior de uma mesma comunidade. Na Grécia clássica, o *andron* fornece aos homens um espaço de sociabilidade com seus convidados, apartados do restante dos moradores – uma espécie de expressão material da cidadania e uma salvaguarda da legitimidade dos herdeiros. Em Delos, ao lado das necessidades da sociabilidade, afirma-se a necessidade de demonstrar riqueza e bem-estar. No mosaico da Dominus Julius, o pertencimento a um grupo se alarga a um conjunto mais amplo: a elite do império romano.

A autora nuança ainda mais o argumento, sugerindo que os elementos de estrutura doméstica podiam ser “lidos” em diferentes níveis, de acordo com o status pessoal, o gênero, a experiência e os valores das pessoas. Aponta também algumas pistas de pesquisa: uma maior atenção às estruturas domésticas mais modestas; o ponto de vista de pessoas menos visíveis nos textos, como os escravos em Pompeia, ou os habitantes de casas menores em Delos. Ela defende uma ultrapassagem das diferenças entre “história antiga” e “arqueologia clássica”, afirmando a validade de uma abordagem em termos de “espectros temporais” superpostos; e, no campo em questão, uma convergência das discussões dos arqueólogos sobre as “casas” e das discussões dos historiadores sobre as “famílias”.

Eis, então, um livro inteligente, que consegue construir uma problemática coerente a partir da focalização sucessiva sobre realidades muito distantes entre si – o risco de falta de pertinência entre os capítulos é bem evitado. Ele apresenta, entretanto, um ponto fraco: no conjunto, o que é pregado não é realizado, já que permanece sendo um livro de arqueologia clássica, no qual as fontes textuais quase não são mobilizadas. Mas isso não impede que seja uma excelente obra.